

LARISSA PRADO
PATRICK CORREA

Flores mortas



FLORES MORTAS

FLORES MORTAS

Larissa Prado
Patrick Correa



A vegetação ao lado da estrada estava morta dando ao ambiente um tom acinzentado melancólico. Assim que viramos em direção à entrada da cidade o ar se tornou denso, tinha aroma de cinzas. Meu colega se remexeu no banco do passageiro, parecia um pouco agitado durante o trajeto até a cidadezinha fantasma.

– É apenas uma cidade abandonada, Raul. Fica tranquilo – tentei confortá-lo quando, na verdade, tentava confortar a mim mesmo.

Confesso que me sentia um tanto desconfortável depois de ouvir as histórias escabrosas sobre o fim daquele povoado quando paramos na cidade vizinha para pernoitar. Raul era meu companheiro de investigação há muito tempo. Foi meu parceiro na polícia desde o início. Atualmente, no auge da nossa aposentadoria, os serviços como detetives particulares nos rendiam um bom exercício para a mente

O caso era o de Sofia Crozatti, a garotinha que desaparecera enquanto passava as férias na casa da avó, que ficava na cidade vizinha chamada Beladarni, da qual partimos há algumas horas. A foto na mão de Raul mostrava uma garota de 8 anos, loira, corada e muito sorridente sentada em um balanço num parquinho. Os avós concordaram que Sofia jamais poderia ter ido muito longe, não teria fugido, pois, diziam que era uma garota tranquila e os amava muito.

Depois da conversa com os avós, o caso parecia apontar para uma direção que não me animava nenhum pouco: sequestro. Após longas e exaustivas entrevistas com boa parte dos habitantes de Beladarni, incluindo alguns colegas da garota, que viviam na vizinhança, com quem Raul se virava melhor que eu, nenhuma pista surgiu. Aquele era um dos mistérios que eu e meu parceiro gostávamos de remexer na juventude, mas que no momento, se tornava complicado demais para dois policiais aposentados.

O motivo que me fez continuar no caso foi a foto que a avó nos deu, o sorriso da garotinha de olhos apertados por genuína alegria me obrigava a encontra-la mesmo que fosse a última coisa a fazer na vida. Raul descobriu, depois das longas horas enfiado na biblioteca local, a história sobre a cidadezinha vizinha de Beladarni. Um incêndio numa fábrica se

espalhou e consumiu todo local. Os moradores deixaram a cidade e as casas incendiadas para trás. A cidade foi abandonada, então, começaram todos tipos de rumores sobre as verdadeiras causas do incêndio na fábrica.

Uma família importante se mudara para lá e levou consigo um grande empreendimento no setor têxtil. A fábrica ia de vento em popa às custas do serviço extenuante e da exploração dos trabalhadores. Saville, a cidadezinha fantasma, prosperou, mas os habitantes se mostravam descontentes com o enriquecimento da família. Por isso, os boatos eram os de que o incêndio fora proposital. O caso era antigo, nunca mais reaberto pelos investigadores federais, as coisas ficaram tão estagnadas quanto as cinzas da cidade. Era para lá que eu e Raul fomos, porque alguma coisa me dizia que ali eu teria mais sorte na procura de pistas sobre Sofia, afinal, o lugar fazia limite com a cidade dos avós.

*

Assim que entramos na cidade meus olhos se perderam na neblina que cercava o que restou das casas e prédios comerciais de pequeno porte. Havia uma placa de “*Bem-vindos a Sa ... lle*” algumas letras estavam apagadas. A sensação ruim que me acompanhou durante todo trajeto só piorou ao estacionarmos na cidade.

O lugar tinha uma mistura de odores incômoda, a única presença viva ali eram os pássaros carniceiros que sobrevoavam a cidade. Raul me olhou incerto sobre aquilo, mas em silêncio o encorajei a continuar vasculhando. Andamos pela rua principal, à medida que caminhávamos a neblina se tornava mais forte e o ar mais pesado.

– O incêndio aconteceu há quase 10 anos e parece que a qualquer momento vamos ver algo explodindo. Parece muito recente. – Raul comentou.

– Parece que está acontecendo agora. – concordei e Raul deu um sorriso desanimador, segurava o chapéu que sempre usou em uma das mãos, espantava algumas moscas que de vez em quando sobrevoavam nossas cabeças.

Eu tinha consciência que não encontraria ninguém para perguntar sobre Sofia, a esperança

era conseguir alguma pista por menor que fosse. Se a garota tivesse sido sequestrada, aquela teria sido parte da rota do sequestrador.

Caminhamos por um tempo longo, por uma hora ou duas, até chegarmos a um parquinho abandonado numa praça. A grama estava morta assim como as árvores. Apenas uma das árvores ainda sustentava poucas flores, mas elas estavam mortas, enegrecidas. Brinquedos enferrujados chamuscados pelo fogo remetiam ecos de crianças que certamente tinham se divertido lá. Era tudo muito triste e melancólico. A intuição de que estava no caminho certo, prestes a descobrir algo, aumentava.

Sentamos em um banco para esticar as pernas, Raul acendeu um cigarro e me ofereceu, recusei, já havia superado aquele hábito. Ficamos em silêncio, pensativos. Enquanto meus olhos perscrutavam a cidade, notei que havia uma silhueta disforme em meio a neblina. Apertei os olhos para ver se não seria uma ilusão de ótica causada pelo fenômeno climático, mas a silhueta estava ali, estática. Não chamei Raul, apenas levantei de súbito e ele fez o mesmo.

– Está vendo aquilo? – murmurei para ele a fim de não espantar aquela presença.

– Sim, parceiro. – ele replicou em um tom desconfiado.

Aproximei alguns passos, mas quando me movi a sombra desapareceu em uma corrida. Sem pensar duas vezes me lancei atrás dela, correndo e arfando com o ar pesado transitando por meus pulmões. Raul veio logo atrás, apesar de ainda ser um homem forte os anos cigarros e álcool tinham deixado ele mais lento, não pôde me alcançar. Persegui a sombra sozinho entrando por becos e saindo em pequenas vielas, até me perder totalmente de Raul e da pracinha que tínhamos como referência do centro da cidade. Gritei o nome de Sofia enquanto corria, a certeza de que aquela pequena silhueta fugidia era ela tinha se tornado quase uma verdade. Durante a corrida não consegui enxergar nada com nitidez, não sabia quem – ou que - estava perseguindo.

Perdi a presença em um emaranhado de vielas que se entrecruzavam, fiquei ali parado com as mãos nos joelhos retomando o fôlego. O ar ao entrar pelas narinas trazia ardência, a temperatura caiu de forma abrupta. A neblina aos poucos esvanecia, talvez

pelo horário. Olhei meu relógio de pulso, os ponteiros tinham parado às 11:03, mas sabia que já passava do meio-dia, pois ao adentrarmos ali o relógio marcava 11:00.

Levantei a cabeça, me sentia zozzo, a pressão parecia cair, pois, o formigamento começou a percorrer minhas mãos e lábios. Respirei fundo. Sofria de pressão arterial elevada, porém, naquele momento eu sentia que ela estava despencando, o coração parecia bater muito devagar. Soltei o chamado arrastado “Sofia...” e houve uma movimentação por trás das minhas costas, na direção de um dos becos pelo qual percorri.

Virei-me e Sofia estava ali, apenas alguns passos de mim.

Diante aquela aparição toda racionalidade me deixou, não pensava em nada, só em tirá-la dali e entrega-la aos avós.

– Sofia?- perguntei incerto porque tudo adquiriu uma textura muito estranha, irreal.

A garota estava vestida com uma camisola e um casaquinho de tricô, as vestes que a avó descreveu que ela usava quando desapareceu durante a noite. Estendi a mão para ela, meus pés não me obedeciam.

– Venha aqui, Sofia. Vim busca-la – antes que pudesse começar a me forçar a andar, surgiu ao lado de Sofia uma silhueta, a silhueta que eu havia perseguido.

*

O que aconteceu a partir daquele momento me escapou da memória. Os médicos disseram que foi o choque traumático, mas nem mesmo eles sabem explicar o que aconteceu. Meu corpo entrou em colapso, disseram que por pânico mesmo que nunca tivesse sofrido ataques desse tipo durante a vida.

A imagem que tenho do momento que visualizei Sofia é emaranhada de hiatos, a silhueta era grande, parecia segurar os ombros da menina e tinha estranhos galhos na cabeça. Algumas vezes considero que era um animal, porém, naquela região não havia presença de animais por conta da vegetação queimada. Lembro-me do cheiro que o ar adquiriu quando a presença reapareceu ao lado da menina, era um cheiro desagradável de flores, flores mortas, como as que usam em enterros, um cheiro que fazia a cabeça latejar.

Sofia se virou de costas para mim e seguiu aquela aparição bizarra, não posso assegurar se era humana, às vezes parecia apenas uma forma enfumaçada que mudava de acordo com o ângulo que se olhava.

Minha memória prega peças quando tento recordar daquela tarde na cidadezinha abandonada. Raul me encontrou depois que a neblina foi embora, disse que eu estava desmaiado e com a pressão tão baixa que ele mal conseguiu achar minha pulsação. Precisou me carregar até o carro, ali o sinal do celular não pegava, nem mesmo o rádio sintonizava. Só consegui ajuda após parar num posto de volta para Beladarni.

Creio que recobrei a consciência quando estávamos no posto, Raul pálido e atordoado me oferecia um copo d'água, o atendente do posto ligava para uma ambulância, resisti um pouco aos cuidados do meu parceiro alegando que tínhamos que voltar e buscar Sofia. Raul negou e me obrigou a ir para o hospital antes de voltarmos ao assunto da busca. Assim, cansado, fui levado ao hospital mais próximo.

Fui sedado por conta do meu alto nível de estresse, os cabelos tornaram-se brancos por completo onde antes haviam apenas rajadas de cinza, meu rosto se enrugou de tal forma que parecia ter envelhecido uns 7 anos em um só momento. Os médicos não explicaram os motivos daquele envelhecimento, eu também não me preocupei com isso, o coração era monitorado e parecia bem fraco, o que também era algo inexplicável tendo em vista que sempre fui um homem saudável, um corredor ocasional. Informaram que meu coração estava em frangalhos, me aconselharam acompanhamento mais intenso da pressão sanguínea.

Nada daquilo importava no momento, queria apenas levantar e ir atrás da garota, tentar compreender o que era aquilo que a levava embora. Mas não foi possível, me sentia fraco, incapacitado.

Os dias passaram até completar uma semana, fui liberado quando minha esposa veio ao meu encontro, preocupada e cheia de cuidados, assustou-se com minha aparência, mas nada comentou. Raul veio logo em seguida e nos acompanhou na viagem de volta. No caminho permaneci em silêncio, eles também. Foi apenas quando chegamos e nos acomodamos em nossas poltronas que ousei perguntar a ele sobre o caso Sofia.

Raul ficou calado por um longo instante enquanto acendia seu cigarro, minha esposa estava longe, na cozinha preparando um café para nós, eu apenas o encarava com aflição.

– Ela está morta, parceiro. Durante o tempo que ficou no hospital voltei em Saville. – remexi na cadeira, prestando atenção em Raul.

– Ela foi morta ali, mas o que mais impressiona é que Sofia foi morta há muito tempo, encontrei partes da sua ossada enterrada no lugar em que teve o desmaio. Curiosamente o crânio dela não foi encontrado. Repassei o caso à polícia, agora está nas mãos deles –

Não escondi minha incredulidade, sacudi a cabeça sem entender.

– Como? A avó estava com ela, disse que passou alguns dias das férias da menina com ela. No telefone, a mãe garantiu que a colocou dentro do ônibus para ir para a casa da avó. Como ela pode ter morrido antes disso? Por que eles inventariam essas coisas? –

Raul deu de ombros, trouxe o cigarro demonstrando muita tranquilidade para meu gosto.

– Talvez eles apenas achassem que era ela, mas quem sabe se não era apenas delírios de pessoas desesperadas? Há tantas coisas inexplicáveis nesses casos. – não me convenci, como Sofia poderia estar morta há tanto tempo se a família a tocou, falou com ela? Não estava convencido.

– O que você viu lá, Arthur? – me indagou Raul – O que viu que o deixou tão desesperado a ponto de entrar em colapso? Você é o cara mais durão que conheço mesmo agora, depois de tantos anos. –

Olhei para frente, a TV transmitia algum documentário sobre animais selvagens.

– Não sei, Raul. Definitivamente, não posso dizer, não me lembro. Ainda voltarei lá, para entender... –

Raul me interrompeu colocando a mão em meu braço.

– Enterre isso, amigo. Há coisas que é melhor não mexer. –

Ao ouvir as últimas palavras do meu parceiro senti uma súbita rajada entrar pela janela da sala sacudindo até o alto as cortinas, trazendo de longe – muito longe – o odor indefinido de flores mortas, como aquelas que usam em enterros.

*

Aos poucos o odor se espalhou pelo ambiente, me mantive estático. Minha mente tentava interpretar o cheiro que adentrava minhas narinas como se trouxesse consigo memórias reviradas e sentimentos perturbadores os quais eu não conseguia descrever.

– Arthur, eu preciso ir. – Raul me tirou do transe de pensamentos que tentavam resgatar alguma memória impregnada naquele aroma de flores fúnebres.

Ele levantou, me olhou com certa preocupação impressa no semblante.

– Você não vai esperar pelo café? – perguntei.

Raul balançou a cabeça, deu dois tapas no meu ombro direito e saiu em direção a porta. Ele não pareceu sentir o forte cheiro de flores mortas que me atormentava. Apenas partiu me deixando imerso no emaranhado de pensamentos desconexos.

Depois de algumas xícaras de café, resolvi tomar um banho quente. Enquanto a água descia do chuveiro rolando sobre a superfície do meu corpo, algumas perguntas brotaram em minha mente. Passei a me interrogar “O que havia me feito desmaiar? O que era aquela criatura? Como eu posso ter visto Sofia se ela está morta?”

Algo muito bizarro estava acontecendo. Cheguei a pensar que Raul pudesse estar dizendo tudo isso para me afastar do caso, talvez preocupado com minha saúde ou por algum outro motivo que eu logo descobriria. Saí do chuveiro, comecei a me secar, passei a mão no espelho embaçado, olhei para o meu reflexo, quase não pude me reconhecer, meu reflexo estava borrado deixando a face disforme. Enxuguei o rosto com a toalha. Quando tornei me olhar no espelho vi um vulto atrás de mim. Virei-me rápido, mas não havia ninguém.

Saí do banheiro o mais depressa possível, sentindo os pelos do corpo arrepiados e revendo em minha mente a imagem da pequena menina pálida com dois buracos negros no lugar dos olhos que surgira atrás de mim no reflexo do espelho, como uma sombra demoníaca, desaparecendo em seguida.

Convencido de que não estava nada bem dispensei o jantar que Helena preparou, me recolhi no quarto para descansar. Meu corpo caiu na cama como uma pedra, meus pensamentos pareciam brocas perfurando um terreno amaldiçoado, cavando cada vez mais fundo, onde situavam-se dúvidas mórbidas e sentimentos de mau agouro.

Acordei de sobressalto, voltando de um pesadelo perturbador em que vi os pedaços do corpo de Sofia se remontando, criando uma criatura bestial com cabeça de cervo. O suor brotava dos poros na pele, minha testa molhada reluzia na fria luminosidade que entrava através da janela do quarto, podia ver Helena dormindo profundamente.

Levantei para ir até a cozinha tomar um pouco d'água. Senti a incômoda sensação de estar sendo observado, com o copo na mão lancei um olhar através da escuridão da sala de estar, fixei meus olhos além da janela, para o lado de fora. A madrugada estava silenciosa, na verdade, o silêncio era praticamente insuportável! Nenhum cachorro latia, não havia sirenes ou buzinas ao longe. A luz fraca, que ficava acesa do lado de fora de casa, iluminava a varanda e continuava morrendo aos pés do breu que se estendia ao redor de tudo lá fora.

Bati o copo d'água com força sobre o balcão da cozinha a fim de escutar o som da madeira rompendo o silêncio desconcertante que pairava. Mais uma vez, aquele cheiro nauseabundo de flores em torno de um cadáver começava a brotar no ambiente, trazendo um certo temor causado por motivos desconhecidos.

Pude ver de soslaio um vulto passar pela janela. A cortina de tonalidade clara transpareceu a sombra que rapidamente se moveu, e desapareceu. Caminhei sob passos cautelosos, mantendo aquele silêncio profundo, tentando desvencilhar minha atenção do cheiro que molestava meu olfato. Sempre fui um apaixonado por armas de fogo, mantinha uma pequena coleção em casa dos meus tempos policiais. Apanhei uma espingarda calibre 12, minha favorita, que jazia atrás da porta da cozinha, engatilhei e rumei em direção a janela.

Cuidadosamente, afastei a cortina com a mão esquerda, enquanto segurava a espingarda na mão direita, trêmula, demonstrando o nervosismo que me arrebatava naquele momento. Direcionei o foco da minha visão na velha madeira do assoalho da varanda, meu instinto de detetive tentava encontrar algum rastro, mas havia nada ali. O cheiro nauseante de flores mortas aumentava. Ergui a cabeça e vi na penumbra, ao final da luz da varanda, uma silhueta que se esgueirava na zona escura do quintal, se movendo nas sombras, em direção aos arbustos.

Decidi sair pela porta, empunhei a espingarda calibre 12 e parei do lado de fora, olhando na direção dos arbustos. Caminhei mais um pouco até sair da zona coberta da varanda, a luz em minhas costas projetava minha sombra que se alongava até os limites da escuridão. De repente, vi algo se mover no breu. Estava realmente difícil ver com clareza, a luz do luar banhava a vegetação, levemente. Se tivesse apagado a luz da varanda

talvez conseguisse enxergar melhor, mas não tinha tempo para pensar. Tudo acontecia rápido.

*

A figura grotesca se moveu com cautela sacudindo algumas folhagens aclaradas pela tênue luminosidade da lua. Uma cabeça se ergueu sustentando pitoresca galhada em seu topo. Aquele ser excêntrico lançou o olhar sobre mim, tingido de magenta, aqueles olhos mortos tinham um brilho fosco, o rosto na penumbra retratava o escárnio com protuberantes marcas de ossos ressaltados sobre a pele fina e parcialmente escarnificada. Meu coração acelerava enquanto minhas mãos trêmulas seguravam com certa dificuldade a espingarda com o cabo molhado pelo frio suor que vertia das minhas mãos.

O meu vislumbre de horror foi assistido sob pálida claridade do banho lunar que tingia o topo das formas negras que se espalhavam no entrono do quintal, assim como a neve que cobre o pico das montanhas num rigoroso inverno. Meu dedo errante encontrou o gatilho, me senti como um caçador que mira o rifle na direção da caça, misturando sentimentos intensos dentro de si sobre vida e morte, acertos e erros.

O som do disparo rompeu, violentamente, o silêncio da madrugada. O forte cheiro de pólvora queimada se sobrepôs ao odor enjoativo das flores de velório. Vi a criatura mover-se rapidamente após o disparo, ouvi um som estrídulo, semelhante a um grito esganiçado e pude ver uma fumaça escura e densa que brotou do meio dos arbustos, exatamente onde aquele ser bestial se encontrava.

Caminhei com cautela, ainda mirando minha arma na direção dos arbustos. A fumaça negra que se ergueu, veio em minha direção, me envolveu, e eu a pude sentir. Tão densa era sua textura que quase podia tocá-la. Junto daquela estranha fumaça subiu um terrível cheiro podre, como se milhares de animais em decomposição estivessem à minha volta.

- Por Deus, Arthur, o que está fazendo? – Helena gritou, parada na soleira da porta de entrada da casa. Eu voltei para a varanda, sentindo a fumaça pútrida ir se desfazendo e me soltando aos poucos, enquanto caminhava na direção de Helena.

- No que você está atirando? – Helena estava com o semblante envolto em terror ao falar comigo.

- Havia uma espécie de animal ali nos arbustos. – disse, sem querer compartilhar exatamente o que havia visto. Embora eu tentasse tornar o relato sobre o incidente mais brando, os olhos de Helena refletiam o terror que estava estampado em mim, nos meus lábios pálidos e nas minhas mãos trêmulas.

Helena me convidou a entrar, deu uma última olhada para o breu que encobria o lado de fora e trancou a porta. Devolvi a espingarda para o lugar de costume e me sentei no sofá, ainda processando tudo que eu havia acabado de acontecer. Helena questionou pouco sobre o suposto animal no qual havia atirado, me olhava de maneira analítica e desconfiada.

– Volte a dormir, Arthur. – disse ela, em seguida caminhando de volta para o quarto.

Eu sabia que não conseguiria dormir fácil depois daquilo, minha mente ainda parecia imersa em horror, os pelos do meu corpo se arrepiavam diversas vezes em curtos espaços de tempo e aquele olhar morto insistia em assombrar meus pensamentos.

Fui até o banheiro, tomei dois comprimidos do calmante que eu havia parado de tomar ao interromper meu tratamento. Lavei o rosto na torneira da pia e rumei para o quarto. Quando cheguei na porta, escutei uma risada de criança ao pé do ouvido, era sussurrada, tinha um tom de malícia e deboche. Novamente meus pelos arrepiaram, entrei no quarto e fechei a porta atrás de mim. Deitei ao lado de Helena, na esperança de descansar e esquecer tudo aquilo, mas meus olhos ficaram abertos, como duas esferas jogadas na escuridão.

*

Despertei angustiado por um vago temor, mais uma vez me sentia observado. O quarto estava com uma claridade diferente, através das cortinas um branco opaco invadia o ambiente, lá fora parecia sustentar um dia cinzento. Meu relógio de pulso marcava 11:03h. Helena não estava mais ali, apenas o lençol amarrotado ao meu lado, me arrastei para fora da cama com o corpo dolorido, as pernas fracas, como se houvesse feito muito esforço físico no dia anterior. Saí do quarto, chamei por Helena, mas não houve resposta. A sala de estar estava com o mesmo aspecto pálido, mas havia algo a mais ali, alguma coisa que eu ainda não conseguia entender.

Tentava perceber o que estava acontecendo quando um vulto passou rápido pela cozinha. Eu estava bem no centro da sala, de viés pude ver a sombra que se moveu e,

além disso, pude sentir uma presença desagradável. Olhei em volta, algo me chamou atenção, os móveis e as paredes não eram exatamente como eu lembrava. Eu me senti parte de um jogo, parecia que alguém estava montando um cenário, tentando reproduzir uma versão da minha casa para me convencer de algo.

Saí do estado de contemplação assombrada ao ouvir um som atordoante, como se pratos quebrassem, gritei o nome de Helena e corri até a cozinha. Eu me deparei com estilhaços de pratos e copos jazendo por todo o chão, meu olhar correu sobre a superfície de cacos estilhaçados e seguiu o rastro de uma substância densa e de coloração bordô que se alastrava, subindo pelo armário ao meu lado e se acumulando sobre o balcão. Não consigo explicar exatamente qual sentimento me invadiu, uma estranha mistura de abominação e pavor, algo que mexeu profundamente comigo.

Uma carcaça humana estava pendurada na parede da minha cozinha, apenas a metade de cima de um ser humano, sem os quadris e as pernas, com os braços abertos, pregados na parede, um tórax robusto de homem com pequenos seios de mulher. Abaixo da cintura havia pedaços de pele e carne pendurados, tingidos de um tom ruivo escurecido que causava repulsa. O mais horrendo de tudo naquela visão infernal não eram os pedaços de pele escurecidos que balançavam pendurados e gotejavam um sangue quase negro, nem as profundas feridas abertas na carne ou as moscas que minavam aquelas fendas asquerosas. O que realmente matou um pouco da vida que existia em mim, foi notar que aquele ser ali pendurado tinha o rosto de uma criança, com os olhos fechados e a expressão tão calma, a pele pálida e fria, mas os lábios eram vermelhos como uma rosa desabrochada, um semblante mergulhado em melancolia.

Saí pela porta da cozinha com o estômago revirando como se a qualquer momento fosse despejar pela boca tudo que havia nele. Meus passos trôpegos me levaram para fora onde me coloquei de joelhos no assoalho da varanda e implorei a Deus que apagasse todo o horror da minha mente. Eu não sabia mais o que pensar. A cena que eu acabara de ver parecia apenas o início daquele intenso pesadelo que eu vivenciava estando bem acordado.

Quando ergui o rosto e olhei ao redor tudo estava esbranquiçado. Uma cortina de névoa limitava minha visão, mas eu podia ver, ainda que um pouco apagado,

os arbustos do quintal todos secos, como se estivessem queimados. Desci depressa pelas escadas da varanda, à medida que caminhava sentia mais dificuldade em enxergar as coisas ao meu redor. Parecia um cenário montado para mim, as casas dos meus vizinhos não estavam ali, a neblina era densa e aquele velho cheiro começava aos poucos impregnar o ar. Fui tomado de um terror absurdo, minha alma parecia querer abandonar meu corpo!

Mesmo sendo consumido pelo medo e desespero, sabia que não poderia me render tão facilmente sem tentar ao menos compreender em que tipo de inferno eu estava. Eu parecia caminhar por aquela cidade maldita consumida pelo fogo e a questão era saber o que isso significava para mim. Talvez fosse algo que eu devesse descobrir, talvez eu estivesse louco ou talvez não passasse de um sonho. Por instinto, tomei coragem e corri até a garagem, meu carro estava lá, para a minha sorte. Quando dei a partida no motor, lembrei mais uma vez de Helena, onde ela poderia estar?

*

Andei com meu carro às cegas pela rua. Percebi que era mesmo aquela cidade maldita, quando olhei para trás minha casa havia sumido. Talvez a neblina a cobrisse ou simplesmente desaparecera. Enquanto rodava controlando a velocidade para não ir muito rápido, não estava enxergando muito à minha frente, eu tremia dos pés à cabeça consumido por dúvidas e temores diversos. Minha mente estava sendo despedaçada aos poucos.

Perdido em pensamentos, demorei a notar que o motor estava aumentando a aceleração, com um movimento rápido, tirei o pé do acelerador, foi inútil, o carro avançou rapidamente. Tentei frear, era tarde, o carro parecia ter ganho vida própria. Uma figura trajando um vestido claro – talvez branco - como a neblina que encobria a cidade, cruzou a frente do veículo e foi acertada em cheio.

Só consegui frear após o choque contra o corpo que trincou o para-brisa e rolou sobre o teto, caindo na estrada como um saco de batatas. Desci do carro atordoado,

o cheiro nauseante das flores mortas se misturava ao cheiro de pneu queimado devido a brusca freada. Olhei ao longo da rua o rastro negro que a freada havia deixado impresso no asfalto, e ao fim, jazia um corpo, amontoado como uma trouxa de roupas sujas.

Caminhei um tanto desorientado com o coração galopando no peito, temeroso pelo que poderia encontrar ali. Enquanto caminhava em direção ao corpo aquela sensação me acompanhou de novo: alguém me observava. Vislumbrei os vultos que corriam por entre as cortinas de névoa esvoaçantes de maneira inebriante. À medida que seguia adiante sussurros sopravam meus ouvidos no compasso dos sons dos meus passos, que ecoavam no vazio anêmico daquele lugar.

Assim que me aproximei, não pude acreditar. Aumentei o ritmo dos passos numa corrida e sem que pudesse conter as lágrimas despencaram pesadas dos meus olhos. Helena estava lá, diante de mim, jogada ao chão, imóvel com o rosto coberto por sangue. Ajoelhei-me ao seu lado, o vestido branco estava tingido de vermelho, respingado pelo sangue que vertia dos ferimentos em sua cabeça. Eu era o culpado de tudo aquilo. Juntei o corpo de Helena em meus braços, acomodando-a sobre as pernas, acariciando seu rosto angustiado.

Tal cena de terror estava sendo orquestrada pelos gritos profundos de dor que irrompiam de minha garganta, brotando de um poço escuro de desespero em algum lugar bem dentro de mim. Minhas lágrimas banhavam o semblante mortuário de Helena e minhas mãos manchavam no vermelho sanguíneo em seu rosto, enquanto acariciava sua pele aveludada. Naquele momento, ela parecia tão jovem.

*

Do interior da neblina surgiam risadas infantis, ecoando de todos os lados e aumentando cada vez mais. Pareciam zombar de mim, da minha dor e incapacidade de suportar aquilo tudo. Decidi que iria acabar com isso antes que perdesse de vez a lucidez. Arrastei o corpo de Helena até o carro, afinal, não a deixaria ali a mercê daqueles pequenos demônios risonhos, eles estavam por todos os lados, me desnortando os sentidos. Coloquei o corpo de Helena no banco de trás, fechei a porta, lembrei que eu não

estava em poder de nenhuma das minhas armas. Caminhei até o porta-malas para apanhar a única arma que tinha, um bastão de baseball. Eu o mantinha ali para algum caso de emergência que nem sabia se um dia aconteceria, minha profissão me ensinou a ser cauteloso, para não dizer, paranoico.

As risadas que estavam me perturbando cessaram, finalmente, então fui até a porta do carro, segurando o bastão de baseball. Antes que pudesse entrar no veículo, ainda pensando o que eu faria dali em diante, olhei para a rua nebulosa a minha frente. Algo me incomodava, a sensação de uma presença observadora. Paralisei, observei com atenção através da fina cortina de névoa, a pequena Sofia estava parada a alguns metros de mim. Pela foto e os detalhes, só poderia ser ela, mas a menina me causava intensos calafrios. Seu olhar penetrante me deixava aterrorizado, sua aparência hedionda retratava a infância roubada, destruída, uma pequena vida em ruínas que parecia me implorar algum tipo de ajuda.

- O que fizeram com você, criança? – sussurrei, em meio a vastidão crua daquele cenário.

O cheiro de flores mortas fazia minha cabeça latejar mais uma vez, logo aquele cheiro se tornava aroma podre. Por trás da menina se levantava a silhueta da galhada, erguendo-se em uma sombra horrenda que despertava sentimentos conflitantes dentro de mim. Medos e angústias misturados a raiva extrema, por estar naquela situação desesperadora com a mulher que amava morta no banco de trás do carro e uma criatura maligna em poder de Sofia.

A estranha fumaça negra surgiu expandindo-se em torno da criatura e da menina. A entidade sombria começou a se afastar para dentro da própria escuridão, esvanecendo nas nuvens negras em torno de si. Sofia também começou a recuar com pequenos passos, entrando de costas para a penumbra atrás dela.

- Sofia! – gritei na tentativa de salvá-la, impedir que seguisse aquele demônio, mas ambos esvaneceram na névoa, deixando para trás o rastro da fumaça escura e o som de passos engolidos pelo vazio.

Entrei no carro, tremendo, deixei o bastão de baseball sobre o banco do carona. Olhei para trás e me assustei ao ver os olhos totalmente brancos de Helena, arregalados em minha direção, emergindo protuberantes em meio a todo aquele vermelho sanguíneo.

- Helena? - chamei em voz baixa para ter certeza de que ela estava realmente morta. Não houve resposta e eu não poderia esperar, dei a partida no motor do carro e segui atrás daquela coisa antes que fosse tarde demais e eu perdesse de vez a menina.

*

Rodei por um tempo pelas ruas escuras e sussurrantes. Olhei em volta, o acostamento mostrava as silhuetas da vegetação destruída, o cheiro nauseabundo de queimado se misturava ao odor de morte exalado pelo corpo de Helena. Volta e meia me pegava vigiando-a pelo retrovisor, temia ver os olhos arregalados de novo, mas ela permanecia morta. O caminho não parecia ter fim, minha mente insistia em martelar o nome de Sofia nos pensamentos.

A voz, então, me surpreendeu em um eco que vinha do céu. Parei o carro, prestei atenção naquele som que me chamava: Arthur, você está me ouvindo? Olhei para o céu negro, a sensação era de estar num lugar vazio mesmo com a vegetação delineando a estrada. Pouco a pouco fui retomando a consciência daquele chamado, era uma voz familiar, amiga.

- Arthur, parceiro, você pode me ouvir? –

Meu corpo deu um pulo no sobressalto, quase saltei da cama. Ao longe os bipes de máquinas me fizeram retornar à realidade e o rosto de Raul flutuando diante de mim foi a melhor coisa que poderia ver. Abracei-o como raramente fazia.

- Raul... o que é isso? Eu estava com Helena, morta... onde ela está? Foi tudo um pesadelo, horrível, mas acho que posso tirar muito disso, sobre Sofia – as palavras se atropelavam em minha língua dormente.

- Calma lá, rapaz. Calma, você passou por um momento muito difícil. Vamos conversar quando te levar para casa. –

- Casa? – olhei em volta, estava num leito de hospital, os bipes vinham da máquina ligada ao meu peito, monitorando o coração.

- Sim, homem, casa ou quer ficar mais alguns dias aqui? Você já dormiu demais.
–

Tentei me sentar colocando os pés para fora da cama, mas Raul me conteve, disse que o médico iria me liberar no fim do dia e ainda era manhã. Olhei pela janela do quarto, uma extrema onda de angústia me assaltou.

- Raul, eu preciso que me conte agora o que aconteceu, nós já tínhamos ido para casa. Helena veio me buscar com você. –

Ele me lançou um olhar piedoso que odiava, não pude interpretar aquilo. Nos últimos dias da minha vida pouca coisa conseguia interpretar, entender.

- Arthur – Raul iniciou sério, dissipando dos olhos sua compaixão – Eu não te encontrei naquela manhã que fomos a Saville depois que correu sei lá atrás do que. Precisei retornar a Beladarni e chamar a polícia. Só te encontraram 24h depois que desapareceu, inconsciente, gelado feito o diabo. Hipotermia e início de infarto. Trouxeram você para cá, passou uma semana desacordado, nem os médicos sabiam o que te causava a inconsciência já que tudo funcionava bem. Meu palpite? Esses seus pesadelos... foram efeitos dos remédios que te deram... sabe, para o coração e tudo mais. Está tudo bem agora –

Olhei meus pés descalços pendurados para fora da cama, incrédulo. Por que não conseguia acreditar em nada daquilo?

- No sonho, ou seja lá o que foi, você me disse que acharam os restos de Sofia. Raul, acharam? –

- Arthur, foi um sonho, não temos qualquer notícia sobre ela e isso não diz mais respeito a nós. Passei o caso para as autoridades locais, nós vamos embora para casa. Esse caso mexeu muito com você, cara... precisa sair disso. –

Conservei o silêncio, não adiantava discutir com Raul quando ele decidia algo, por isso, resolvi seguir sozinho. Ao fim do dia, meu parceiro me deixou em casa. A

primeira coisa que fiz foi entrar e chamar por Helena, a imagem dela morta no banco do carro não saía da minha cabeça. Raul, porém, me interrompeu segurando meu ombro enquanto clamava por ela na sala de estar.

- Arthur. – ele tinha os olhos piedosos de novo – Você não lembra? –

Olhei os porta-retratos sobre a TV na sala, estávamos jovens, eu segurava a mão de Helena, ela sempre foi uma mulher belíssima, traços fortes, olhos doces.

- O quê? –

- Helena, ela morreu há...10 anos –

- Claro – disfarcei a angústia e embaraço.

Como não podia me lembrar daquilo? Como ela tinha morrido? Não perguntei nada para Raul, dispensei-o sob fortes protestos, ele queria dormir lá em casa aquela noite, temia por minha saúde, mas o obriguei a me deixar. Precisava reordenar as ideias, tentar compreender todo aquele jogo do qual comecei a fazer parte no dia que fui atrás da menina desaparecida. Raul deixou a casa depois de conversarmos um pouco e conseguirmos distrair, prometeu que voltaria no dia seguinte, mas Raul nunca mais voltaria.

Naquela noite, dormi pesado, não tive pesadelos, mas quando a manhã chegou que despertei me sentindo incomodado pelo forte cheiro de flores mortas que impregnaram meus últimos delírios, eu vi a menina ao pé da minha cama. Aquilo era muito real, quase palpável, para meu desespero. A respiração dela era chiada, pesada, envolta da boca o ar gelado formava círculos de névoa densa.

- Sofia? –

Seu rosto tinha um semblante melancólico, triste, mas algo parecia errado na forma que os cantos dos lábios dela delineavam um sorriso zombeteiro.

- Isso é real? Onde você está? –

Ela saiu correndo do meu quarto, não pensei duas vezes e sai da cama num pulo, calcei os chinelos e segui os passos de Sofia que faziam a madeira do assoalho ranger. Não consegui acompanhá-la, me guiava apenas pelos passos. Atravessei o corredor dos quartos e fui para a varanda, o lugar onde tinha atingido o animal com a espingarda naquele pesadelo comatoso. A experiência parecia se repetir, como um *deja vu*, mas agora

era muito real, os cachorros latiam ao longe, talvez incomodados por algo que fugia à cognição humana.

Peguei a espingarda atrás da porta da cozinha, segui para o quintal, os passos de Sofia me levaram até lá. Algo se moveu nos canteiros de rosas, que em outros tempos Helena cuidava com esmero, ergui a arma, apontei, minhas mãos estavam tremendo, temi errar o alvo caso precisasse atirar. Pontas de chifres despontaram entre os arbustos, a pouca luminosidade da luz da varanda não me permitia ver o animal inteiro, mas a garotinha surgiu embaixo dele, muito menor, seus olhos não passavam de dois ocos negros, abismos fundos. Uma mão surgiu sobre o ombro dela, coberta de pelos espessos, mas ainda assim, era uma mão humana apesar dos dedos de unhas longuíssimas.

Ele abaixou o rosto na altura do ouvido de Sofia, o que sussurrou não podia ser ouvido ali de onde estava, prestei atenção nos seus olhos foscos em magenta faiscando na escuridão. O tempo foi suspenso quando meu olhar fixou-se no dele, meus braços perderam a força, amoleceram ao lado do corpo, afrouxei os dedos e larguei a espingarda, tudo aquilo contra minha vontade. Aquele olhar dominou-me por inteiro, cai de joelhos, inerte, Sofia estava caminhando até mim deixando atrás dos seus pequenos passos um rastro de líquido preto como petróleo, o aroma de flores podres ficou mais evidente. Era dela que o cheiro vinha, minha cabeça funcionava a mil, apesar do corpo estar imobilizado por uma força terrível.

Em movimentos rápidos ela foi chegando e chegando, parou a alguns centímetros de mim, nossos olhos na mesma altura enquanto permaneci ajoelhado. Sofia abriu a boca pequena que ainda mantinha um sorriso estranho, o que ela falou não pude compreender, um dialeto antigo, morto. A única palavra decifrável foi Saville, a cidade maldita de cinzas. Depois que ela virou de costas para mim e correu de volta para os braços da criatura galhada, fui ao chão sentindo meu coração descompassado, cada batimento era doloroso, a mesma sensação que me atingiu antes de desfalecer na primeira manhã que estive na cidade. Aguentei firme lutando como pude contra aquela fraqueza que me derrubava. Levantei com esforço, peguei a espingarda e ao retornar para casa coloquei-a de volta em seu lugar na cozinha. Resolvi levar meus revólveres na viagem que faria no dia seguinte. Apesar de gostar da espingarda para defender a casa preferia as minhas pistolas glocks quando precisava sair para fazer o que iria fazer, pois, elas eram leves e me garantiam agilidade e pontaria certa.

*

Esperiei o dia amanhecer sentado na mesa da cozinha olhando as duas armas dispostas à minha frente. Tinha trocado de roupa, jogado algumas mudas numa mala de mão e feito um café forte. Entrei no carro, antes, deixei uma mensagem na caixa postal de Raul explicando que precisei viajar por um tempo para espairecer. Não iria dizer a ele que voltaria à Saville, muito menos que estava indo atrás de fantasmas. Aquilo parecia estúpido até para mim.

Peguei a estrada percorrendo as mesmas paisagens que tinha visto antes quando estava com Raul ao meu lado e tudo continuava normal. Acendi um cigarro, hábito que também tinha deixado para trás junto com a bebida. Quando parei no posto para comprar uma carteira não vi que estava fazendo isso, foi uma atitude impensada, quase automática, mas minha ansiedade alcançara picos extremos.

Saville ficava a duas horas da capital, Carpi, onde morávamos, daquela vez, portanto, o tempo passou mais devagar, a viagem pareceu durar anos. O sol a pino esquentava o carro mesmo que eu colocasse o ar-condicionado em toda sua potência. Quando aproximei de Beladarni, o tempo amenizou, nuvens encobriram o sol, agradei a Deus por aquilo. Estacionei diante da casa dos avós de Sofia. Fui recebido no portão por Rute, avó da menina, que não demonstrou muita alegria ao me ver, mas foi simpática como da primeira vez que estive lá com Raul.

Ela me levou até a cozinha e começou a fazer o café, colocou à minha frente uma porção de roscas, biscoitos, pães. Agradei, mas não consegui tocar em nada, meu estômago estava dolorido. De costas no fogão, reparei em como Rute tinha emagrecido desde a última vez que a vi. Isso fazia o quê? 1 mês? Provável. Passei os olhos pela cozinha, do lado de fora olhos grandes me observavam do interior escuro de uma caixa de papelão, meu sangue correu gelado. Naquele instante, temi que os olhos se tornassem magenta, que saltasse de lá na cabeça ossuda e galhada da criatura que acompanhava Sofia. Eu senti calafrios atravessarem minha pele como se a fizesse levantar em ondas.

Continuei encarando os imensos olhos que cintilavam, meio diabólicos.

- Senhor Arthur? O senhor está bem? – Rute servia o café.

Voltei a mim, as gotas de suor desciam em cascatas frias pela testa. Tirei um lenço do bolso da calça social e limpei o rosto.

-Sim, achei ter visto algo... lá fora. Não dormi direito, senhora, me desculpe. Podemos conversar? O que me trouxe aqui foi o caso de Sofia. –

Ela sentou na cadeira da minha frente, tomou um gole do seu café e pegou um pãozinho para passar manteiga. Quando terminei de falar, olhou para fora e abriu um sorriso que livrou do seu semblante o peso da idade que tinha e fez rejuvenescer. Rute teria sido uma bela jovem, como diria minha falecida esposa “envelhecido bem”.

- Ah, senhor policial, aquele é Angus, nosso gatinho, Sofia o amava! Gostava de vir para cá só por causa dele. – o bichano deixou sua caixa de papelão e veio caminhando soberbo e preguiçoso para o colo da senhora Rute, parecia interessado no pão que ela comia.

Segurei um riso de alívio e desbotei o primeiro botão da camisa para respirar melhor, o gato ali na claridade da cozinha era gracioso, seus olhos amarelos nada tinham de diabólico. Eu estava perdendo o controle.

- Então, preciso saber tudo que a senhora conseguir lembrar sobre o dia que Sofia chegou aqui e o que aconteceu antes das suas férias. Quem eram seus pais? Haviam motivos para alguém querer... –

Aquela suposição fez Rute parar de comer, acariciar Angus, ela petrificou o olhar em mim e o que vi ali foi desespero.

- Querer... leva-la? –

- O senhor está falando em sequestro? –

Dei um gole no café antes de prosseguir, senti um toque quente roçar minhas pernas, me contive antes de olhar. Não passava de Angus se encostando em mim e soltando alguns miados baixos. Não vi quando ele saltou do colo dela, gatos são animais furtivos.

- Senhora, não quero assustá-la, mas tudo indica que Sofia foi levada por alguém e preciso muito saber tudo da vida dela, principalmente das pessoas que a cercavam. Em casos assim, a grande chance é que o sequestrador seja ligado à família. –

- Meu deus... – ela derramou algumas lágrimas que eu não esperava, Rute parecia tão forte, mas notei como seu amor pela neta era grandioso e angustiante.

- Bem... vou tentar me lembrar de tudo, senhor, me dê um tempo para respirar. Não tenho mais vivido desde que ela sumiu. – limpou as lágrimas no avental.

Angus saltou e se acomodou no meu colo olhando as comidas sobre a mesa. Deixei os dedos percorrerem seus pelos macios enquanto ele ronronava. Ao observá-lo, Rute pareceu lembrar-se de algo, seus olhos brilharem daquela forma que acontece quando temos algum tipo de iluminação, de ideia.

- Vera, minha filha, a mãe de Sofia, me ligou dizendo que não podia acompanhar a filha dessa vez porque tinha muito trabalho. Vera é corretora de imóveis, vive correndo desde que se separou... do...- ela se calou, ponderando.

- Ela se divorciou há muito tempo? Como era o pai de Sofia? –

- Nunca gostei muito dele, Noah tinha um jeito... estranho. Eles separaram assim que Sofia nasceu, mas não posso mentir, era um pai presente. Não entendi bem a separação, ele administrava uma empresa, era o querido do chefe, dava tudo que Vera queria, e de repente, eles resolveram separar. Minha filha nunca se abriu comigo sobre isso, mas eu não gostava dele pelo jeito que ele olhava para gente, como se nos desprezasse. –

- Senhora Rute, Noah está morando onde? –

- Pelo o que sei, ele morava perto da Sofia e da Vera para facilitar suas visitas. Algumas vezes passava aqui quando Sofia vinha pra cá, e foi numa dessas vezes que trouxe Angus filhote, uma graça. Naquele dia, foi a primeira vez que simpatizei com Noah, ele parecia mais.. terno, calmo-

Há muitos anos dispensei os blocos de anotações, minha mente trabalhava a toda capturando cada detalhe que Rute dizia e cada expressão que fazia. Depois de tantos anos interrogando suspeitos e lidando com mentirosos compulsivos, sabia identificar quando alguém estava nervoso, mentindo, ocultando algo ao dizer meias-verdades, Rute foi verdadeira do início ao fim, menos quando falava no nome do pai de Sofia, ela não mentia, mas ocultava algo.

- Senhora, entenda que tudo o que puder me dizer vai ser muito importante para encontrar sua neta com vida, existe alguma possibilidade do pai ter raptado a garota? A senhora disse da primeira vez que Sofia tinha acabado de chegar para passar as férias, sumiu no dia seguinte à chegada –

- Sim – sua voz estava trêmula, reconheço que ter insinuado que Sofia poderia estar morta abalou a senhora, mas eu precisava que ela falasse, as pessoas falam tudo depois de um choque emocional – Ela chegou, eu e Gregorio, meu marido, fomos buscá-la na rodoviária. Ela estava sonolenta, sempre chegava cansada da viagem, foi no fim do dia. Jantou a sopinha de feijão que tanto adorava e foi dormir, na manhã seguinte, foi como se ela nunca tivesse chegado. A cama estava impecável, Sofia nunca aprendeu a arrumar a cama, senhor. Eu não consigo pensar em ninguém para querer seu mal, e mesmo que não vá com a cara de Noah... depois da separação ele mudou, ele era outro, as poucas vezes que o vi me tratou com carinho, quase ternura, ele tinha algo diferente nos olhos, uma paz. Jamais! Ele jamais teria coragem de sequer levantar a voz para a menina, era a menina dos seus olhos, dizia. –

- Certo –

Resolvi que tinha tudo o que precisava, não podia seguir pressionando Rute, notei que ela iria explodir logo, a angústia pelo sumiço fazia aquela pobre senhora definhando. Antes de ir embora perguntei pelo senhor Gregorio, Rute apenas disse que ele tinha ido trabalhar. O avô de Sofia era taxista, provavelmente, estava parado em algum dos pontos de táxi da cidade, mas não iria atormentá-lo, diferente de Rute, Gregorio era o tipo de homem turrão e intratável.

Segui para o quarto no pequeno hotel que tinha alugado por aquela noite. Iria colocar tudo em ordem para no dia seguinte partir em direção a Saville. Queria saber mais sobre o pai de Sofia, ao escutar seu nome todos meus instintos gritaram em alerta, mas se Noah tivesse algo a ver com o sumiço da filha, eu precisava antes terminar de checar a cidade queimada, ela me diria se ele estava envolvido. Eu sabia que diria.

Na manhã seguinte, despertei de um sono irrequieto. Minha mente trabalhava de maneira insana reunindo todas as informações e ponderando todas as hipóteses possíveis. Saí do hotel o mais rápido que pude, a ansiedade me corroía para pegar a estrada e seguir rumo àquela cidade, mesmo que algo dentro de mim temesse o que fosse descobrir. Eu precisava ir até o fim, tinha informações sobre Noah e, mais do que isso, tinha um sentido aguçado que estava alarmado com este homem.

No caminho para Saville, quando me dei por conta notei o carro em alta velocidade como se estivesse acelerando por conta própria em direção à cidade queimada. Eu estava no piloto automático. Minha mente continuava me levando para vários lugares ao mesmo tempo, revirando ideias e revivendo os estranhos momentos em que estive apagado no hospital. De alguma maneira, sentia que havia uma mensagem nas entrelinhas de todas aquelas cenas de horror, algo que exigia minha atenção para analisar os fatos e chegar a uma resposta plausível.

No caminho, alguns quilômetros próximos da cidade, decidi fazer uma parada em uma lanchonete na beira da estrada, precisava tomar um café forte para continuar. Quando estacionei o carro, não sabia se queria o café ou se eu estava apenas atrasando um pouco minha chegada na maldita cidade cinzenta. Entrei na lanchonete pela porta de vidro que anunciou minha chegada ao ressoar sua sineta. O cheiro do café recém passado envolvia todo ambiente. Era uma lanchonete de aspecto antigo, a pintura das paredes estava gasta e as mesas e cadeiras bastante usadas.

A mulher atrás do balcão me encarava com ar de desconfiança, naquele semblante mal-humorado rugas bem delineadas revelavam a idade um tanto avançada. Em minha rápida análise do ambiente, detectei a presença de dois clientes sentados nas mesas, cada qual em um extremo da lanchonete. Resolvi sentar mais ao centro, próximo à janela, onde poderia observar a paisagem árida do lado de fora.

Ao me sentar, vi a mulher do balcão me lançar um último olhar desconfiado antes de dar as costas e caminhar em direção à cozinha. Um dos homens sentados na lanchonete, um senhor de cabelos grisalhos, segurava na alça da xícara de café e a levava calmamente até a boca com sua mão trêmula. Em sua frente jazia um prato com uma pilha de três panquecas intocadas.

O outro homem, bastante sério, mantinha uma barba cheia e tinha olhos, estranhamente, escuros. Ele lia um jornal enquanto sua xícara de café fumegava sobre a

mesa. Estava observando os clientes do lugar quando a jovem atendente se aproximou da mesa em que eu estava chamando minha atenção.

- Bom dia, senhor. Pode fazer o seu pedido. – disse a mulher.

Embora ela tentasse transparecer simpatia carregava uma mágoa por trás daquela máscara de cordialidade. Pedi um café forte e nada mais, ela se retirou dali e eu permaneci inquieto. O velho sentado às minhas costas sorvia o café fazendo um ruído extremamente irritante, enquanto o homem barbudo na outra mesa lançava olhares penetrantes por cima do jornal.

A mulher mais velha e mal-humorada voltou com meu café, deixou a xícara sobre o pires na mesa e parou ao meu lado. Agradei, perguntando a mim mesmo onde estaria a jovem garçonete que parecia mais simpática. A velha limpou as mãos no avental encardido me encarando forma analítica.

- Você não é daqui! - observou com convicção.

- Não, senhora, parei apenas para um café.

- O senhor já sabe o seu destino? – ela perguntou, me senti pressionado, e pensar que aquilo era o que mais tinha feito com as pessoas ao longo de toda minha vida, perguntas inconvenientes.

- Estou a caminho de Saville. – respondi, tomando um gole do café que por sinal estava realmente forte.

Quando a mulher ouviu o nome da cidade, sua expressão tornou-se ainda mais carrancuda.

- O senhor sabe que aquela cidade está abandonada, não sabe?

- Sim eu sei, – respondi – mas preciso passar por lá.

A mulher me deu as costas e voltou para a cozinha. Sorvi mais um gole do café e contemplei aquela manhã pálida através das janelas da lanchonete. Antes de repousar a xícara sobre o pires me deparei com a sombra de uma figura diante de mim, do outro lado da mesa.

- Posso sentar? – perguntou o homem barbudo que estava lendo jornal na mesa ao fundo.

O homem sentou sem esperar meu consentimento. Naquela proximidade pude ver a mescla de tons brancos e negros nos cabelos e na sua barba, além de pequenas marcas de ferimentos cicatrizados que cobriam um ponto e outro do rosto. Os olhos daquele homem eram tão negros quanto o fundo de um poço.

- Eu me chamo Marcus – disse o homem, e me cumprimentou num aperto de mãos áspero.

- Me chamo Arthur, é um prazer, Marcus.

- Desculpe, Arthur, mas eu não pude deixar de ouvir que está indo para Saville.

- Sim, estou indo para lá. – confirmei.

- Isso pode não ser da minha conta, mas o que você busca naquela velha cidade abandonada?

- Sou um detetive, Marcus. Coisas ruins aconteceram e eu preciso investigar o paradeiro de uma menina.

- Uma menina? – Marcus olhou fundo nos meus olhos, senti um calafrio estranho percorrer o meu corpo. – qual a idade desta menina? – ele perguntou.

- Deve ter oito anos de idade, tem os cabelos loiros, estava passando as férias na casa da avó em Beladarni. – respondi. Confesso que naquele momento comecei a ficar inquieto com as perguntas de Marcus. – A menina se chama Sofia. – concluí.

- Eu não conheço nenhuma menina com essas características ou com este nome. – disse Marcus. Seus olhos negros estavam perdidos na velha mesa da lanchonete. Podia notar que em seus pensamentos iniciava-se uma intrigante reflexão sobre o assunto.

- Pensei que o que fez você levantar de sua mesa e vir até aqui fosse algum motivo sobre eu estar me dirigindo à Saville. Agora você sabe que o motivo é essa menina desaparecida.

- Sim, Arthur. Quando ouvi você falar em Saville eu me interessei em saber o que você queria naquela cidade. Eu era um morador de Saville antes do grande incêndio, mas, acabamos tendo que sair da cidade.

Naquele momento eu percebi que Marcus sabia muito mais sobre Saville do que aparentava e, além disso, ele também sabia sobre Sofia.

- Eu preciso sondar a cidade em busca de respostas, talvez a pessoa que sequestrou Sofia tenha passado por ali ou até mesmo esteja em Saville.

- Aquela cidade guarda segredos, Arthur. Você não acha estranho que ainda hoje as cinzas do incêndio ainda estejam pairando no ar?

- Agora que você falou eu realmente me perguntei a respeito dessa questão na primeira vez que botei os pés na cidade incendiada. De que segredos você fala, Marcus? Você sabe que pode me ajudar muito com a investigação, não sabe?

- É claro, Arthur. – Marcus falou em tom de voz baixo olhando desconfiado para o balcão da lanchonete. – se não se importar eu posso ir com você para Saville. No caminho conto tudo o que sei sobre os segredos da cidade.

Levantei da cadeira imediatamente e segui para o balcão para pagar meu café.

- Não se incomode, Marcus, eu pago o seu café.

*

Sáímos da lanchonete em direção ao meu carro, pegamos, então, a estrada rumo à Saville. Estava apreensivo com o que iria descobrir, mas me sentia mais próximo do que nunca de resolver o caso de Sofia.

- Vou tentar contar tudo o que sei de forma resumida, Arthur. – disse Marcus, visivelmente, tenso em estar voltando para a cidade queimada. – Aquele incêndio não foi um incêndio comum. As proporções que tomou, a maneira como o fogo engoliu a cidade...

- Quanto tempo faz que o incêndio aconteceu? – perguntei.

- Uns dez anos, acho. Existe um grupo de homens, Arthur, que fazem parte de uma seita. Os rumores são de que esses homens se reuniam na antiga fábrica da família Strinberg. Existe muita confusão em torno de tudo que já foi dito, sabe como é, as histórias passam de boca em boca e só fazem aumentar.

- Eu sei bem, Marcus. Você mora aonde agora? É casado ou tem filhos?

- Não, eu não tenho família. Fui para Saville apenas pela oportunidade de trabalhar na fábrica atraído pelo sonho de crescer e prosperar junto com a pequena cidade que parecia se desenvolver cada dia mais. Hoje eu moro há dois

quilômetros da lanchonete onde nos conhecemos. Eu trabalhei na fábrica, mas saí pouco antes do incêndio. O que os Strinberg faziam era desumano! Os funcionários trabalhavam exaustivamente e ganhavam pouco. As pessoas ficaram nesse sistema por longos anos, até que alguns começaram a se revoltar, vendo que o poder da família aumentava enquanto as famílias dos funcionários tinham dificuldade até mesmo de pôr comida na mesa. O prefeito de Saville só tinha interesse no dinheiro gerado pelos Strinberg e se beneficiava disso.

- Sobre essa tal seita, o que você sabe? – fiz a pergunta e notei a inquietação de Marcus aumentar ao meu lado.

- Os Strinberg trouxeram com eles um legado da família... alguns membros formaram uma ordem que lidava com uma antiga magia negra do passado. Aos poucos, alguns moradores abastados de Saville, gente influente, se uniram aos líderes da ordem, se chamava *Immortalem*. Eles pregavam que a Ordem Immortalem poderia dar aos seus seguidores o poder da imortalidade.

- Ninguém desconfiava que isso era uma grande besteira? – aquela história me soava uma sandice, me senti um pouco frustrado com o que ele tinha a contar.

- Não era toda essa besteira que você pensa, Arthur. Eu cheguei a pensar nisso, mas depois ouvi relatos e acabei confirmando tudo quando me aproximei dos Strinberg. Aquelas pessoas já tinham anos de vida, mesmo assim, eram conservados demais para suas idades. Juro por Deus, Arthur, havia fotos deles na construção da Ferrovia de Westershire, isso já faz mais de cem anos e eles continuam com a mesma aparência!

- Eu não duvido do que me diz, Marcus. Confesso que vivenciei coisas estranhas nessa cidade e tive visões perturbadoras enquanto estava desacordado no hospital. Apesar de não passarem de sonhos, acredito que tudo que vi quis me enviar uma mensagem.

- O que você viu, Arthur? – Marcus perguntou, perplexo, senti seu olhar arregalado sobre mim.

- Eu não vou falar disso agora, Marcus, não vamos ter tempo para que eu explique. Estamos nos aproximando de Saville, apenas preciso que você me diga o que sabe sobre Sofia e a Ordem Immortalem. Preciso saber até que ponto as histórias estão relacionadas, não me esconda nada, não poupe nos detalhes. Algo me diz que você sabe algo sobre Sofia!

Marcus manteve seu silêncio por um tempo olhando para frente, os olhos fixos no para-brisa.

- Eu sei sobre uma menina com as características de que você falou, mas não sei se é Sofia. Apenas ouvi boatos sobre uma menininha loira que havia desaparecido. – sua voz saiu baixa, imprecisa.-

- Onde foi que ouviu isso, Marcus? -

- Ouvi de alguns membros da Immortalem, um dos líderes citou a menina, mas não lembro se falou em nomes. -

- Podemos estar falando de Sofia, certamente. Esta seita nos levará até a menina! Como é o nome deste líder? -

- Arthur, não me pressione! Eu não posso citar nomes dos envolvidos, fiz alguns juramentos! -

Marcus começava a suar, eu podia sentir sua respiração ofegante enquanto tropeçava em palavras para explicar o que sabia.

- Então você faz ou fez parte da seita, Marcus? Se já me contou tudo isso até agora, por que não prossegue? -

- A obscuridade dessa seita vai muito além do que você imagina, Arthur! Eles realizam sacrifícios humanos para o deus obscuro que cultuam, mas este “deus” de que falam não passa de uma entidade demoníaca, uma criatura horrenda com chifres de cervo que devora as almas das pessoas sacrificadas! Eles o chamam de Nethon, ele rege uma das grandes legiões infernais. Em troca, conferiria aos seus adoradores o segredo da imortalidade!

- Que grande besteira! – gritei, batendo com as mãos no volante do carro. Foi uma forma de negar a mim mesmo que havia visto tal criatura em minhas visões. O terror de saber que tudo que Marcus dizia tinha alguma relação oculta com Sofia e as mensagens que me perturbaram enquanto estive desacordado, me dominou.

- Sei que é difícil acreditar. Escuta, os rituais com sangue humano são terrivelmente profanos. Eu fugi, não podia compactuar com aquilo, Arthur, eles querem minha cabeça!-

- Qual o motivo?- perguntei sobre o perigo que ele corria mesmo sabendo que esses tipos de sociedades secretas, seitas, ou seja lá como chamem, tinham regras rígidas, diria, mortais.

- Depois que você faz os juramentos, não pode mais desistir! Como você acha que os funcionários continuavam a trabalhar para a família Strinberg?

Viviam sob ameaça, Arthur! Eles sabiam tudo sobre todos na cidade, até mesmo sobre o que se passava dentro de nossas casas! -

- E quando você desistiu de fazer o jogo deles teve que fugir? -

- Exatamente! Aos poucos eu descobri, investigando de maneira silenciosa, que os Strinberg já haviam fundado e erguido outras cidadezinhas, agindo da mesma maneira que fizeram com Saville, criando cidades independentes e com suas próprias leis. Cada cidade homenageia um dos nove demônios na hierarquia Imortalem, todos abaixo de Nethon. Saville homenageia Savosk – o devorador da inocência – por isso crianças de Saville foram desaparecendo sistematicamente, todas ofertadas à Savosk.

Em silêncio, eu permaneci ouvindo tudo aquilo e pensando sobre os níveis da loucura humana. Não conseguir me convencer que tudo aquilo pudesse ser real, mas também não podia mais negar que eu estava bem no centro de toda aquela insanidade.

- Eu compreendo que isso pareça demais para você. – disse Marcus, que parecia muito convicto no que dizia. – Existem muitas coisas ocultas, Arthur, muito mais do que possamos imaginar. Em minhas pesquisas e conversas com membros mais antigos da ordem, descobri que, embora os Strinberg conseguissem erguer cidades, também eram perseguidos pelas maldições de seus atos. Todas as cidades fundadas pela família eram erguidas em lugares ermos, no meio do nada, e todas essas cidades sofreram com alguma tragédia.-

- Significa que o grande incêndio de Saville foi fruto dessas maldições? -

- Sim, Arthur. Saville foi a última cidade a ser fundada, homenageando o nono e último demônio da hierarquia Imortalem. Desde o incêndio, os integrantes remanescentes da ordem praticam seus cultos macabros nas ruínas da antiga fábrica, com três líderes. Existe apenas um membro dos Strinberg que ainda participa dos cultos em Saville, o restante da família migrou para outros lugares em pontos estratégicos, mais precisamente nas antigas cidades já fundadas e abandonadas por eles, a ideia é que todos estejam a postos para a abertura do nono portal do inferno, já que não há mais demônios para homenagear, agora eles acreditam que Nethon convocará uma legião de mais nove demônios e perpetuará sua linhagem satânica até o fim dos tempos dominando o mundo com seus adoradores lacaios imortalizados! -

Permaneci calado, impossibilitado de dizer uma palavra sequer. Já podíamos avistar Saville ao longe em toda sua atmosfera cinzenta e macabra. Eu queria ignorar a história sobre demônios, mas uma parte de mim já estava convencida de que existia um mal sobrenatural por trás de tudo aquilo. Embora eu estivesse mergulhando cada vez mais

fundo naquele mar de horrores sobre sangue de inocentes e hordas de demônios, minha lucidez me colocava de volta na trilha de onde iniciei, o real motivo de eu estar naquele carro indo na direção daquela cidade – o paradeiro de Sofia.

- Não vou duvidar de nada do que você fala, Marcus. Você parece convicto no que diz, mas existem coisas que você já sabe e que eu ainda quero saber. O que mais você sabe sobre a menina desaparecida? Quem são os três líderes Immortalem que ainda fazem seus cultos na cidade? -

- Arthur, por favor, eu já lhe disse que meu juramento me impede de citar nomes! -

Marcus parecia começar a se incomodar com minhas perguntas, mas eu sabia que havia muito mais que aquele homem sabia e poderia falar, entretanto pressioná-lo não iria funcionar muito bem. Meus instintos me indicavam o quanto de segredos Marcus escondia. Se os integrantes da seita queriam sua cabeça, por que ele estava me acompanhando à Saville?

- Não me diga nomes, Marcus, mas me dê alguma informação. A vida de Sofia depende de mim!-

- Um dos líderes é, obviamente, membro da família Strinberg. Os outros dois eram subchefes na fábrica, quando as coisas ainda funcionavam por lá. Sobre a menina, tudo o que sei é que a pequena era filha de um dos membros da ordem e havia desaparecido. Algo muito mais terrível foi feito naquele lugar, talvez você vá saber quando chegarmos lá. -

O desaparecimento de Sofia era recente, mas parecia que a fuga de Marcus para sair da seita era um evento mais antigo. Para mim ainda não estava claro, meu nível de desconfiança era alto! Marcus poderia estar me ludibriando para me levar até a cidade queimada e se livrar de mim, mas isso também era apenas uma entre tantas hipóteses. Haveria o momento certo para eu perguntar a Marcus o motivo de ele estar me acompanhando até Saville, mas ainda não era agora.

- Você conhece alguém chamado Noah? - quando fiz a pergunta, pude ver nitidamente o incômodo em Marcus.

- Talvez o nome não me seja estranho... mas não, com certeza o pai da menina desaparecida não era este. -

Embora aqueles profundos olhos negros perturbados tentassem engolir a verdade, eu sabia, Marcus estava mentindo! O motivo ainda não estava claro, mas

algo me dizia que logo eu iria descobrir. Eu não havia perguntado se o pai da menina se chamava Noah, nisso Marcus acabara de se entregar.

Sáímos da estrada e pegamos a rua deserta que levava até a entrada de Saville, eu sabia que em breve todas as coisas iriam cair por terra, o que me apavorava eram as consequências disso.

Logo quando chegamos na entrada da cidade queimada, um sentimento de tristeza se abateu sobre mim, a névoa que abraçava o lugar trazia em sua palidez uma energia de mau agouro e desconfiança. Parei o carro onde Marcus indicou, prestando atenção em seus movimentos e lembrando das duas pistolas Glock carregadas que eu levava no porta-luvas no caso de as coisas ficarem feias, eu teria como me proteger, esperei ele descer para pegar uma delas e esconder no cós da calça jeans.

- Ainda não se pode ver, mas no final desta rua fica a antiga fábrica dos Strinberg.
- disse Marcus, caminhando lentamente para longe do carro.

- O que vamos fazer, Marcus? – perguntei. – você acha que encontraremos alguém na fábrica?

- Numa quinta-feira? Provavelmente sim!

- Você disse que querem sua cabeça, vai mesmo me acompanhar até o lugar?

- Eu ainda tenho uma coisa importante para resolver aqui, Arthur.

Fui seguindo os passos de Marcus, que caminhava logo a minha frente abrindo caminho por entre o nevoeiro. Enquanto caminhávamos, nossos passos ecoavam no vazio da cidade fantasma.

- Vamos entrar pela lateral do prédio, a entrada principal está trancada, todos eles entram por uma passagem que fica sempre disponível. – Marcus começou a aumentar o ritmo da caminhada. – Se ainda o fazem, nas quintas, os membros Immortalem consomem um cálice de sangue pela manhã e passam o resto do dia em jejum, se conectando com as forças malignas.

Ainda não conseguia falar uma palavra sequer sobre aquilo, o ar estava realmente pesado, quando senti um torpor em meu corpo tive que diminuir o passo. Aquele cheiro de flores mortas começava a ficar evidente e a cada passo que eu dava na direção da velha fábrica o odor intensificava. Senti que estava perdendo um pouco da noção de espaço, as coisas pareciam ficar distantes, assim como o som de nossos passos. O ar se tornara difícil de respirar, minhas mãos estavam trêmulas, a sensação de estar sendo observado me acompanhava e em meus pensamentos eu pedia à Deus que não estivesse vivenciando na

realidade as mesmas coisas que eu havia vivenciado durante o tempo desacordado no hospital.

- Aqui, Arthur, vamos entrar por este beco que vai dar na entrada lateral.

As paredes da velha fábrica dos Strinberg se erguiam e desapareciam no nevoeiro acima de nossas cabeças, Marcus empurrou uma porta estreita que se abriu rangendo alto para uma densa escuridão, por ali ele desapareceu, adentrando o prédio da fábrica. Eu entrei pela porta, mas não conseguia localizar Marcus. Então, chamei baixinho o nome dele, mas não houve resposta. Caminhei quase às cegas para dentro daquele breu, iluminado apenas com luz desbotada que vinha de fora, até que a porta estreita se fechou atrás de mim e tudo escureceu. Por puro instinto, saquei minha pistola, esperei por um ataque, mas nada aconteceu, eu estava sentindo me enredava cada vez mais dentro de uma armadilha. Peguei o isqueiro no bolso da calça e iluminei a escuridão que me rondava, fui caminhando com a arma em punho, a chama do isqueiro erguida sobre minha cabeça, só conseguia ver paredes velhas e escurecidas que acompanhavam um corredor e nenhum sinal de Marcus.

*

O corredor escuro me levou até uma outra porta que estava entreaberta, pela fresta eu pude ver que um fecho de luz que passava tímido para dentro do lado escuro em que eu me encontrava. Abri lentamente a porta, preparado para atirar no primeiro filho da mãe que aparecesse, mas não havia ninguém ali. Devolvi o isqueiro para o bolso da calça e segui com a Glock empunhada, agora caminhando por uma pequena sala que continuava até um corredor largo, tudo devastado e guardando ainda o cheiro de coisas queimadas.

Os restos da mobília incendiada se espalhavam pelos cantos, o lugar inteiro parecia emanar o sentimento indescritível de agonia e dor. Caminhei pelo amplo corredor até ver mais uma porta, a claridade do lugar era branda e entrava com dificuldade através de pequenas janelas retangulares, enegrecidas pela fuligem do incêndio. Antes da porta puder ver uma escada e um vulto que pareceu subir por ela, segui logo pelos lances exaustivos de degraus que me levaram até uma sala que parecia ter sido reformada. Naquele lugar, haviam alguns quadros antigos com rostos de pessoas advindas de outras décadas e uma porta vermelha ao fundo, cruzei com cautela pela porta vermelha, minhas

mãos tremiam segurando a Glock e o coração pulsava lento, senti a tontura, tentei reequilibrar a respiração.

Saí para um grande salão onde o chão se rebaixava no centro, iluminado por tochas de fogo que se espalhavam em pilares erguidos em círculo. No centro, pude ver cinco figuras com túnicas negras, ajoelhadas em torno de um símbolo cinzelado no chão. Um carneiro pendia por uma corrente fixa no teto, o animal estava preso pelas patas traseiras, seu pescoço degolado gotejava o sangue quente dentro de uma bacia metálica que jazia no centro daquele símbolo. Os rostos daquelas pessoas estavam velados pela sombra dos capuzes que emolduravam suas cabeças, me assustei com a cena, fui dominado por forte náusea que me fez recuar de volta para a sala dos quadros.

Lenta e calmamente fechei a porta vermelha, cogitando desistir de Sofia e sair daquele lugar o mais rápido possível. Após fechar a porta, dentro da sala dos quadros, alguém com uma túnica negra me acertou do lado direito na cabeça com uma barra de ferro. A Glock escorregou da minha mão enquanto meu corpo cambaleava em direção à parede onde apoiei as costas e deslizei, sentando no chão, muito atordoado pela pancada.

Senti o calor do sangue descer pela lateral do rosto, minha visão estava turva e me esforçava para não desmaiar, o coração parecia bombear ainda mais fraco. A figura negra diante de mim se aproximou, as imagens eram como um texto em uma folha de papel que havia molhado, tudo borrado, enquanto eu lutava para me manter acordado.

A figura turva e negra ajoelhou-se diante mim e removeu o capuz da cabeça, não podia acreditar, meu choque foi tanto que me forcei para acordar daquele sonho insano fechando os olhos com força para abri-los em seguida na esperança de estar de volta à realidade. Diante de mim estava Raul, mas seu olhar estava diferente, não era o mesmo olhar que eu costumava ver no rosto do meu parceiro.

- Arthur, por que você insiste no que não deve? – Raul disse, enquanto eu ainda tentava me situar. – eu tentei afastar você disso, tentei te manter longe, mas você é teimoso!

- Raul... não pode ser! – eu só queria acordar daquele pesadelo, certamente eu continuava no leito do hospital, com a mente mergulhada em delírios.

- Olha aonde tivemos que chegar, Arthur! Eu tentei poupar sua vida, tentei te deixar longe disso, mas o desgraçado do Noah te trouxe até aqui!

Naquele momento eu entendi que Marcus era na verdade o próprio Noah, e que me levava até ali por um motivo maior. Entendi também que tudo aquilo não era mais um delírio, mas uma realidade dolorosa, difícil de acreditar.

- Por que você está fazendo isso, Raul?

- Eu sou isso, Arthur! Sou um Imortal, bravo cavaleiro de Nethon!

O sorriso que me veio aos lábios era reflexo do misto de incredulidade e nervosismo. Raul? Aquela figura não parecia meu antigo parceiro, seus olhos tinham uma escuridão profunda enquanto Raul possuía olhos acastanhados quase verdes.

- Raul – pude sentir minha voz sair mole – por que? – minha visão não conseguia focalizar seu rosto que ia e vinha acentuando minha náusea.

- Respostas! Sempre atrás de respostas! Não podia simplesmente esquecer tudo? Aproveitar sua velhice! Você me pergunta o porquê e eu te respondo, por que não?! –

Estava lutando contra a tontura, meus olhos pesavam se mantendo fechados contra minha vontade. Quando abri os olhos notei que Raul estava andando ao meu redor, na penumbra do lugar seus olhos negros cintilavam em um brilho demoníaco.

Naquele instante, pequenos detalhes começaram a fazer sentido, detalhes aos quais nunca tinha pensado. Raul era 5 anos mais velho do que eu. Eu alcançava os 56 anos e todos males da idade se manifestavam nos últimos tempos, mas Raul, apesar de não largar seus hábitos nocivos como tabagismo e álcool, permanecia muito conservado para um homem de 61 anos. Sua pele parecia de cera sem sinais de rugas, os cabelos negros, exatamente como o conheci há 30 anos.

- Você é doente! Por 30 anos conseguiu esconder toda essa merda! Eu era seu amigo, seu melhor amigo! –

Raul se deteve, a silhueta girou devagar na minha direção e ele agachou ao meu lado.

- Eu realmente sinto muito Arthur, por ter se metido nisso tudo. Nada disso deveria ter chegado até você –

- Por que a Sofia? Desde quando está nisso? –

- Savosk a escolheu – sua voz baixou no tom de sussurro – ela deveria fechar o ciclo para seu domínio ser selado. Poderia ser qualquer criança, como sempre fizemos, mas ele se manifestou, Savosk nos veio através da garota para manifestar sua vontade. Estou nisso há mais tempo do que possa imaginar, Arthur. Nem sempre fui Raul trago no sangue o legado da minha família... –

- Strinberg...- sussurrei completando sua fala, vi sua cabeça confirmar e o sorriso afiado apareceu no seu rosto de cera.

A fraqueza tomou conta do meu corpo, espasmos musculares me impediam de levantar. Respirei fundo, o ar não conseguia circular pelos pulmões e minha garganta ardia como se a fuligem estivesse bloqueando-a. Toquei o braço de Raul, ou quem quer que fosse aquele homem.

- Helena... porque ela voltou em minhas visões? Você fez aquilo? Os delírios...Raul, me diga... – detestei ouvir a súplica trêmula em minha voz.

Ele tocou minha mão, um toque enluvado, não consegui sustentar os olhos abertos, minha cabeça latejava onde ele havia me acertado, ouvi sua voz de olhos fechados.

- Não. Tudo aquilo que vivencia na sua inconsciência vem dele, Nethon...Se sua esposa esteve lá foi apenas uma forma de desestabilizá-lo, mantê-lo dentro do próprio pesadelo. Ele age de formas misteriosas aqui dentro – ele tocou minha têmpora machucada com dois dedos.

- Não queria te matar, Arthur, mas o que acontece aos ratos curiosos que se intrometem em ninhos de cobras? –

Consegui abrir os olhos o mínimo possível e vi erguer atrás de Raul uma sombra, devido ao meu estado de atordoamento não pude distinguir o que significava aquilo até ouvir o urro de dor sair da garganta de Raul e ele saltar para o lado cambaleando. Um forte cheiro de combustível fez minha cabeça girar o estômago embrulhar. Nada daquilo fazia qualquer sentido.

Marcus estava de pé, um punhal gotejava sangue em uma de suas mãos, ele encarava Raul com aqueles olhos pretos e profundos, diferente dos olhos de Raul, eles não tinham brilho, Marcus parecia um homem morto.

- Noah – Raul murmurou enquanto se contorcia ao pressionar o ferimento que Noah havia feito entre suas omoplatas. – Seu maldito traidor! – a voz dele ecoou pelas salas da fábrica, senti o pó de cinzas tocarem meu rosto como flocos de neve.

- Savosk a solicitou através dela? – Noah mantinha o tom de voz baixo, o punhal pendia de sua mão, não ameaçava Raul – Eu vou acabar com todos vocês! Quem é o traidor aqui, Isaac? –

Raul era, na verdade, Isaac, e Marcus era Noah, tudo parecia embaralhado e duplicado como meus pensamentos e minha visão. Lutei contra a debilidade que me atordoava espalmando a parede atrás de mim comecei a me reerguer de olho na minha Glock caída a alguns metros que me separavam de Raul.

- Você desafiou não só toda Immortalem, você afrontou Nethon e despertou a fúria de Savosk!! Está acabado, Noah! Como quer nos matar? Somos imortais, estúpido – ele se recompôs como se não tivesse recebido seguidas facadas no meio das costas.

- Você acredita mesmo nessa merda toda, Isaac? Imortalidade?! Eu tenho uma notícia para você, até a imortalidade pode acabar! – Noah tirou do bolso do seu casaco um isqueiro, vi o rosto de Raul adquirir uma expressão de pavor, medo genuíno, diante a chama do isqueiro.

Eu estava com a Glock empunhada, levantei o cano da arma em um movimento trêmulo na direção de Raul, mas Noah ergueu a mão ainda segurando o punhal para mim, enquanto a outra mantinha o isqueiro com sua chama acesa.

- Fuja! – ele gritou para mim – Fuja, agora! – não tirei os olhos de Raul que permanecia paralisado em seu pânico. Notei o brilho líquido no chão fazendo um trajeto até o lugar que Raul estava, o cheiro de gasolina me atingiu com mais força, as coisas começaram a ganhar um novo sentido. Fogo, eles deviam ter algum problema com fogo, isso explicaria a expressão no rosto de Raul.

- Vocês me fizeram acreditar que Sofia estava possuída, que era um perigo para os avós e para si mesma e que podiam ajuda-la!! Eu dei tudo para vocês! Minha vida, tudo! Vocês tiraram tudo de mim! –

- Você concordou com isso no dia que fez seus juramentos! Sacrificou sua alma e tudo o que te prendia a esse mundo material de homens baixos e estúpidos! O que há Noah? O único responsável pela sua aparente desgraça foi você mesmo! Sempre soube que não estava preparado, não tinha o necessário para entrar para a Ordem! Você é fraco! FRACO! QUEBRAVEL! Insuportavelmente humano! – a voz de Raul era tão potente que me obrigou a cobrir os ouvidos, ele não gritava as palavras, cuspia com ódio.

- Eu quero dizer pessoalmente para Savosk ir se foder, e você, Isaac, vai me fazer companhia! – dito isso Noah jogou o isqueiro no chão sobre o líquido que brilhava na penumbra.

Eu saltei porta afora quando vi as primeiras chamas correrem rápidas e famintas na direção de Raul, ele avançou em Noah com parte da capa pegando fogo. A última imagem que ficou na minha memória foi Raul lutando contra Noah, ambos mesclando-se em uma dança violenta embalada pelo fogo.

Corri pelo caminho que tinha feito com Marcus, que era Noah, minhas pernas fracas quase me derrubaram por muitas vezes. Os ruídos de explosões dos antigos fornos me lembravam que não podia cair. Quando sai para a noite de chumbo do lado de fora da antiga fábrica respirei aliviado, me virei contemplando as labaredas beijando o céu sem estrelas e consumindo a fábrica, o ruído de vidros estourando se misturava aos uivos ensandecidos dos membros que se reuniam lá dentro.

Por um segundo, pensei ter visto nas chamas uma silhueta galhada flutuar alcançando o céu e se desmanchando em uma fumaça densa negra.

Naquela noite sai de Saville olhando a cidade pelo retrovisor do carro, a cidade queimada voltando a se incendiar. Desviei o olhar, me peguei lembrando de Raul no banco do carona durante todos anos em que trabalhamos juntos na polícia. Raul agindo de forma estranha em alguns casos sobre crianças desaparecidas. Saville era apenas a nona cidade, quais seriam as outras? Raul era apenas um dos vários líderes, se ele camuflou a própria identidade e conseguiu manipular tudo em volta por tantos anos, imaginei como agiriam os outros membros Strinberg?

Aquele desfecho me deixou mais atordoado do que estava no início da investigação. Durante o trajeto de volta para casa pensei em Sofia sorrindo na foto cedida pela avó e em como iria dizer aos avós inconsolados sobre sua morte.

Tantas perdas e loucuras, me senti zozzo e exausto, a idade pesava o dobro nas minhas costas. Aproveitei para pernoitar no mesmo hotel que tinha me hospedado na ida para Saville. Peguei no sono assim que deitei após um banho demorado para livrar das cinzas da cidade. Quando o dia amanheceu me levantei sentindo o alívio de uma noite bem dormida e livre de pesadelos.

Tentei tomar um café reforçado numa lanchonete próxima ao hotel, mas meu estômago ainda estava muito avariado e a cabeça dolorida pela pancada e por causa dos últimos acontecimentos sobrenaturais. Ao me aproximar do estacionamento da lanchonete em direção ao meu carro fui tragado pelo forte aroma de flores fúnebres, era um cheiro mais específico de rosas usadas em enterros. Olhei em volta procurando de onde vinha o som de risos infantis, mas não vi nada além da paisagem árida que contornava a estrada naquela manhã quente. Aquele cheiro me perseguiria por muito tempo.

“Sofia...” murmurei para mim mesmo conseguindo sorrir apesar de tudo sem me surpreender com o som do meu rádio ligando sozinho, a voz ecoava baixa do interior do carro ressoando a mesma canção que tocava na primeira vez que pisei em Saville: “And you can send me dead flowers every morning/ Send me dead flowers by the U.S. Mail/Say it with dead flowers in my wedding/And I won't forget to put roses on your grave. No, I won't forget to put roses on your grave...”

FIM

Sobre os autores:

Larissa Prado é natural de Goiânia, admiradora inveterada, estudiosa e escritora independente do gênero horror. Produz textos ficcionais há mais de 4 anos. Suas publicações: Coletâneas: “**Tratado Oculto do Horror**” (2016), “**Miríade- temática livre**” (2017), “**Linha Tênu e – contos sobrenaturais, de terror e suspense**” pela editora Andross. “**Espinhos e Rosas**” (2017) pela editora Illuminare. “**Histórias Noturnas**” a ser lançado pela editora 1988 Books. Ebooks: “**A arte do terror: Memento mori**” (2016), “**A arte do terror volume 2, volume 3 e volume 4**”; “**A arte do terror: Cartas e edição comemorativa**” (2017) do projeto A Arte do Terror pelo selo independente Elemental Editoração. O livro “**A Sombra vinda das trevas – contos cósmicos**” (2017) pelo selo Elemental Editoração. Coletânea do projeto “**Palavra é Arte: Contos e Crônicas**” (2017). Para mais informações e textos da autora: recantomacabro.com

Patrick Correia é um escritor brasileiro nascido em Porto Alegre/RS. Sua escrita se caracteriza por mostrar um lado poético da escuridão, marcada com grandes reviravoltas de plot twist. Autor de livros dos gêneros de suspense e terror psicológico, desde cedo demonstrou interesse pela arte sombria, primeiramente esboçando seus pensamentos através de desenhos, em seguida, criando seus primeiros poemas e contos sombrios. Dos pequenos poemas e contos, passou a criar histórias mais longas e complexas, com fortes doses de suspense psicológico, criadas com elementos clássicos do terror, o que fica evidente em seus dois primeiros livros “**Elise e o Silêncio da Morte**” e “**O Rosenberg**”.